

PASSOU-SE EM TANTOS DE TAL

*Un fantasma recorre Europa,
el mundo.
Nosotros le llamamos camarada.*

Rafael Alberti

No rés-do-chão está tudo escancarado, como sempre, no verão, a esta hora. Mais claridade só lá fora, no terraço, onde acaba de ser posta a mesa para o pequeno-almoço. Terraço vasto e luzidio que dá para o relvado e para a piscina. Lá em baixo, a toda a largura do terreno, a sebe espessa e alta, bem tratada, depois do extenso renque das olaias, por entre as quais se vê o mar.

Trazem-lhe o chá, a manteiga, a cestinha do pão, que o açúcar e a compota já lá estavam.

— O senhor Pereira quer leite?

— Uma gota, o costume.

Mais para a ver ir e vir, ainda de saia curta, na frescura transparente da manhã. Por que não traz ela logo o leite? É o que qualquer perguntará, principalmente se segue os olhos do patrão, só aparentemente distraídos.

Pouco passa das oito. Em todo o primeiro andar, gelosias cerradas. E assim será até às onze ou mais. Quem não dorme de noite, de dia dormirá. Pouco barulho, pois.

A rapariga volta, deita-lhe a gota do leite, desliza no seu passo miúdo e silencioso, as nádegas pequenas e redondas retesando o tecido da saia muito justa. Um roçar de pomba.

Ele barra de manteiga o pão ainda quente, bebe o chá com a gota de leite, não toca, como sempre, na compota. É o momento mais calmo do seu dia. Nem os filhos e os amigos dos filhos andam por aí à solta na piscina, no relvado, neste mesmo terraço, transístores de goela toda aberta, nem ele mergulhou ainda no seu dia de trabalho. Durante uma boa meia hora, esta é a sua casa, vale a pena viver.

Feliz? A felicidade é coisa rara e sobretudo relativa. O filho mais novo falhou pela segunda vez a entrada na Universidade e anda para aí com umas ideias, gostaria de saber quem lhas meteu na cabeça. Hão-de passar-lhe com o tempo, que é que não passa com o tempo? Mas entretanto, pois é, mas entretanto. Quanto ao resto da família, bom, não há só rosas neste mundo ou não as há sem espinhos, será melhor dizer assim. Celebrou-se ali, porém, tacitamente, um pacto. Deixa-os fazer o que quiserem e eles deixam-no a ele em paz. A pedra filosofal. Nem tem de acompanhar a mulher ao casino ou às festas e festinhas em que a roda dos amigos passa os dias, sobretudo as noites, nem ela e os filhos se intrometem no que ele faz ou não faz. E, quanto ao resto, viva a liberdade. Ninguém lhe exige mais do que pagar. Ele paga. Acabou.

O António lá vai fazendo o seu Direito, tanto melhor para ele. E a Carla não faz nada senão os pequenos disparates próprios da idade. Inocentes, ao que espera. E, se o não forem, paciência. Há-de casar.

— O senhor Pereira dá licença?

Nunca a Eulália volta a aparecer antes de o sentir preparado para sair. Corre então a abrir a porta da garagem. Que temos hoje então?

— Está lá fora um homem que quer falar ao senhor Pereira.

— A estas horas? Quem diabo pode ser?

— Nunca o vi, senhor Pereira. Disse-lhe que era muito cedo. Que nem sabia se o senhor Pereira já se tinha levantado. Mas ele teimou. Diz que é urgente.

— Não disse o nome?

— Cardoso. Ou Raposo. Quer que volte a perguntar?

— Cardoso. Deve ser o Cardoso. Manda-o entrar. Que espere.

De novo, as nádegas pequenas e redondas atravessam o terraço, retesando, ora uma, ora outra, o tecido da saia. Têm fogo lá dentro.

Ele bebe o seu chá com a gota de leite até ao fim, não volta a tocar no pão, levanta-se a contragosto e entra por onde a Eulália se sumiu. Lentamente percorre o corredor, sobe e desce degraus, abre uma porta.

— Tu aqui?

É o Cardoso, realmente. O fiel do armazém.

— Que diabo se passa?

— O senhor Pereira desculpe. Não queria incomodar. Mas achei que era melhor vir avisá-lo.

— Avisar-me?

Não sabe o homem por onde principie.

— E foi preciso vires? Não podias telefonar?

— Telefonar queria eu. Mas não pude.

Este Cardoso é bom homem, mas burro como só ele.

— Não pudeste telefonar?

— Não senhor, não pude telefonar.

— Porquê?

— Porque não me deixaram.

— Porque não te deixaram? Quem é que não te deixou telefonar?

— Os operários.

Não só é burro, tem pancada.

— Desembucha, homem. Não entendo.

Começa, todavia, a entender quando o Cardoso diz, um tanto a medo como se fosse sua a culpa, que os homens chegaram à hora do costume mas não estão a trabalhar.

— Não estão a trabalhar? Senta-te aí e conta.

O Cardoso não se mexe. Olha o tecido sedoso, muito claro, do sofá.

— Senta-te, homem. Não ouviste?

Sentado mesmo à beirinha:

— Dizem que estão em greve.

Adeus, pois, ao momento mais calmo do seu dia. Linda coisa. Há greves por toda a parte, foi no que deu aquela estúpida represão durante tantos anos. Tomaram o freio nos dentes. Anda tudo maluco. E ele também, que não levou a sério a ameaça. Que não quis perceber que era mesmo ameaça, enfim, agora é tarde.

— Estão então mesmo em greve?

— Sim senhor.

— E o que é que dizem?

— Que falaram com o senhor Pereira várias vezes. Que tinham combinado um prazo para a resposta. Que esse prazo acabou já há dois dias.

Os teus homens, portanto, toma nota, são exactamente como os outros. Isto dói-te. Mas porque haviam de ser diferentes? E volta-te mais contra ti mesmo, que fizeste a asneira de aceitar a decisão dos teus sócios, sobretudo a intransigência cega do passarão do Torres e foste protelando as coisas. Porque tu é que sabes lidar com eles bem, porque ninguém como tu para acalmá-los e outras coisas mais que, no fundo, te envaidecem, estás a ver o resultado.

Do grupo que o procurou, fazia parte o Chico, em quem sempre confiou e não lhe parecia dado a excessos. E o Joaquim, que é da casa há muitos anos. Nunca viu neles inimigos. Alguém os manobrará.

— Quem são os cabecilhas? Sabes?

— Não sei, senhor Pereira.

— Não sabes ou não queres dizer?

— Que ideia, senhor Pereira! Parecem todos de acordo. Estão teimosos. Que avisaram.

— Essa é boa. Mas deve haver quem se distinga. Terá havido palavrório, discursatas, uns a arrastarem os outros. Alguém dirige. Há sempre alguém que dirige.

— Cá por mim, só vejo todos a dizerem que não saem dali enquanto não lhes derem a resposta. Ocuparam a fábrica, tomaram conta dos telefones, é tudo quanto sei.

— E tu achas que ninguém se distingue nessa barafunda.

— Desculpará, senhor Pereira, mas não há barafunda. Fecharam o portão e ficaram lá dentro. Nada mais. Dizem que estão à espera.

— Mas alguém dará ordens.

— Lá isso é que não sei. Talvez o Chico. É capaz de ser o Chico.

O Chico? Não. Não é homem para motins.

— Custa-me a crer.

— Valha-me Deus, senhor Pereira. Eu só disse talvez. Deve haver vários. O Joaquim, a Ernestina...

— Que Ernestina?

— Uma que trabalha no armazém, assim baixinha.

— Não me lembro, não interessa. Vou já lá falar com eles.

O Cardoso põe-se em pé a querer barrar-lhe o caminho, o inocente.

— Ó senhor Pereira, isso é que não. Foi por isso que cá vim. Para não ir lá.

— Não ir lá? Tu estás bom da cabeça? Eu não ir lá?

— Quero dizer: não ir, se não quer dar a tal resposta. Há por lá cartazes, o diabo. Por enquanto, tudo calmo. Mas pode haver barulho, não se sabe. O senhor Santos...

— O senhor Santos está na empresa?

— Pois está.

— E não lhes disse nada? Não consegui convencê-los?

— Ao que parece, não. Fecharam-no no escritório, no gabinete dele.

— Que é que estás a dizer? Sequestraram o senhor Santos?

— Isso não sei. Mas que está lá fechado, pode ter a certeza. A coisa é mais séria então do que estava a pensar.

— Isso é um caso de Polícia.

— Será, senhor Pereira. Eu cá disso não sei. Mas nem pense em ir lá. Podem desfeitoá-lo. Por isso é que me meti na carrinha e vim cá incomodá-lo, senhor Pereira. Se fiz mal, desculpará.

— Não, não. Fizeste bem. Fizeste muito bem. Mas eu nunca na vida tive medo. Nem tenho lá inimigos, julgo eu.

— O senhor Pereira desculpe a insistência. Não digo que tenha medo. Mas olhe que é caso para isso. Quando eu quis pegar no

MÁRIO DIONÍSIO

telefone, arrancaram-mo da mão e começaram a chamar-me amarelo, vendido, um desaforo. Para estar aqui tive de sair pelo portão do fundo. Por sorte, não estava vigiado.

— Quem é que te insultou?

— Eu sei lá, senhor Pereira. A Ernestina gritava como um cabrito, com o punho fechado. Parecia que me queria engolir.

— A tal Ernestina. Que tal é? Boa empregada?

— Sempre foi. Não sei o que lhe deu.

O Santos trancado no seu próprio gabinete, aquele parvo. É o que foi e há-de ser sempre: um parvo. Chamar a Polícia? Mandá-la cercar a empresa, invadi-la, correr com aquela gente toda para a rua? Mas fazer greve é legal. E nem sequer foi de surpresa. Havia de facto um prazo. Fizeram tudo às claras. Além de que tais assuntos já não ficam entre patrões e empregados — exploradores e explorados, diria o João Miguel se aqui estivesse. Ai é que bate o ponto. Há, pelo meio, o Ministério. Um Ministério vermelho, no dizer do Torres, onde os patrões são sempre olhados como réus. Se o João Miguel aqui estivesse: «Então já acredita? É a luta de classes, não lhe tenho dito?» E ele dava-lhe dois valentes bofetões, para que também tivesse a sua luta de classes.

— Bom, Cardoso, tu vai indo. Eu não demoro. Tudo se há-de resolver.

— O senhor Pereira é que sabe. Nem precisa dos meus conselhos para nada. Cá por mim, se dá licença, não ponho lá os pés, que eles esfolam-me vivo.

— Que é isso, homem? Quem não deve não teme. Mas faz como entenderes. Tiras um dia de folga, que o mereces. Vai indo e obrigado.

E estende-lhe a mão. Mão que o outro aperta molemente, tão pouco estava preparado para isto. Vê-o sair, trepar para a carrinha, pô-la em marcha, partir. Quem não deve não teme. Ali vai um que, a partir de hoje, passou a dever alguma coisa e portanto a temer. Precipitou-se, o burro.

O Santos trancado no seu próprio gabinete. É a maior surpresa. Maior, sem dúvida, que a da própria greve. Isolaram o Santos porquê e para quê? Apenas por vingança, que ele é duro

e não fala com ninguém de frente? Para evitarem que tomasse providências? Que chamasse a Polícia, por exemplo? Ou para o impedirem de informá-lo? Para evitarem que ele, Pereira, não fosse à empresa como todos os dias? Neste caso, é porque querem falar com ele, não com o Santos. É porque o querem lá.

Não o exalta a cena que, meia hora depois ou pouco mais, lhe é dado contemplar do cotovelo de rua onde parou o carro para ter, de fora, uma primeira noção do que se passa.

Por trás do gradeamento, uma massa de gente na atitude conformada de quem espera. De janela a janela, no andar de cima, uma faixa de pano, com grandes letras pintadas: «Estamos em greve.» Perto da entrada, um cartaz: «Contra os salários de fome.» Outro, mais à direita: «Unidos venceremos.» Fazem o que vêem fazer, o que têm de fazer. «É a lógica da luta», diria o João Miguel, supondo ensinar-lhe alguma coisa.

Tenta uma curva mais larga para coser o carro com o muro onde começa o gradeamento da empresa. Mas, mal inicia a manobra, logo o descobrem. Ou ao carro, certamente mais ao carro do que a ele, tão grande e luzidio o carro é. Homens, mulheres, algumas com crianças ao colo, vão-se voltando e imobilizando com os olhos na sua direcção. Ali está ele, o alvo. E que deve fazer um alvo, com tantos atiradores na sua frente?

Mas não se trata de ameaça. Nem mesmo de hostilidade. O Cardoso é um lorpa e mais papista que o Papa. Estão apenas à espera, no lugar que lhes compete, que é por acaso atrás das grades. Grades que dividem agora o mundo — por uma vez o João Miguel terá razão — em duas partes desiguais: ele e eles.

Deixa o carro encostado ao passeio com as palavras do Cardoso nos ouvidos: «Não digo que tenha medo, mas olhe que é caso para isso.» Já não pode recuar, eles estão ali à espera dele, o Santos é incapaz de qualquer iniciativa e, quanto aos outros sócios, para que pensar sequer nos outros sócios?

Está no passeio, com o gradeamento entre ele e a massa dos grevistas, as mãos nos ferros do portão. Não mostra timidez nem arrogância. Quase graceja ou julga ele que sim:

— Pode-se entrar?

Um engraçadinho, lá do fundo:

— A casa é sua...

Mas a provocação não pega. O portão entreabre-se em silêncio. E, de repente, está entre eles, que abrem alas, parece, num movimento que supõe espontâneo, de respeito, sempre ali o respeitaram, o Cardoso é um tolo. Segundos depois, porém, as alas desaparecem, está cercado. A toda a sua volta, caras e caras impassíveis. Não conhece nenhuma. Isto será possível?

— O Chico? — pergunta, numa voz que trai a ansiedade, mas que sua por dentro, dominada.

— Estou aqui.

Mesmo à sua direita. Ou seja: não podes estar mais perturbado. Porque o Chico é alto, devias tê-lo visto logo.

— Quero falar contigo. Mas lá dentro.

Cometendo, assim, a imprudência indesculpável de fazer supor que pouco lhe interessam os demais. Estás perturbado mesmo.

Uma moça trigueirinha e baixa, de olhos faiscando:

— Aqui não há conversas em particular.

Que furor! Que impaciência! Que cabelinho na venta!

— Tu é que és a Ernestina?

— Sou a Ernestina, sou. Vejam-me isto. Trabalho cá vai para três anos e nem sequer me conhece. Mas trata-me por tu...

O Chico está na sua frente, mais a sua cara sempre séria, bem vincada, como que talhada por um santeiro medieval. Estender-lhe a mão seria asneira. Nessa não cairá. Tem de aguardar.

— Eu falo com o senhor Pereira, pois está claro. Mas não sozinho. Tem de ser a Comissão.

— E porque não há-de ser a Comissão?

Resposta pronta, está-lhe a voltar a lucidez e a rapidez de decisão, parece ser aquilo exactamente o que desejaria ouvir dizer.

Abrem-se alas de novo, agora sim são alas, e, seguido da Comissão, pode entrar enfim no edifício. Lá fora gritos: queremos aumento de salário, queremos um infantário, unidos venceremos. Enquanto eles sobem ao andar de cima, se sentam todos no gabinete dele. Mas o Pereira julga de boa política não ocupar a sua secretária, instalar-se ao lado e apoiar nela só um cotovelo,

querendo assim dar a entender que os recebe de igual para igual, sem deixar, apesar disso, de ser o dono da casa.

Tem os cinco na frente: o Chico, o Joaquim, dois que conhece mal, chamados Leonardo e Daniel, a Ernestina. Oferece cigarros, ninguém quer, começa a reunião.

— Pois muito bem. Vamos lá ver se podemos entender-nos. Vim de casa para o trabalho — porque eu também trabalho, como sabem — e dou com isto: a fábrica parada, o portão fechado.

A Ernestina sorri, mazinha. O Daniel põe-se a fumar e acende com vagares estudados um cigarro, mas dos seus. É homem já grisalho, de fala mansa e olho astuto.

— Ó senhor Pereira, não parece nada.

— O quê?

— Não nos parece nada que tenha sido para si uma surpresa. Devia estar à espera disto tudo.

E, ainda o Daniel, como quem se informa de coisa de pouca monta, mas já que veio a propósito: — Por acaso, o senhor não viu o Cardoso ainda hoje?

O Pereira, nem que sim, nem que não. Não vai comprometer tudo para poupar o Cardoso. Emenda mal:

— Não quis falar de surpresa quanto à greve. Claro que eu sabia, embora, para ser franco, não esperasse isto de vocês. Referia-me, sim, ao que fizeram: sequestrarem o senhor Santos. Nem vocês sabem o que isto significa, sequestrar uma pessoa!

Entreolham-se os outros: foi o Cardoso, está provado.

— Ora, tal como vocês só querem falar comigo estando juntos — e é justo, estou de acordo, aqui está toda a Comissão —, também eu só falarei com vocês tendo aqui o senhor Santos.

A Ernestina remexe-se na cadeira. Tem o sangue na guelra.

— Vamos, pois, ao primeiro ponto. O senhor Santos tem de tomar parte nesta reunião. Alguém se opõe?

Olha a conversa! Que remédio! E lá vão buscar o Santos, que aparece, pálido, caído, parece estar de volta de muitos meses de prisão. Até dá dó. Mas pronto se recompõe, vociferando, ameaçando.

O Pereira dá-lhe os bons-dias, faz que o não ouve, indica-lhe uma cadeira, não vá ele sentar-se na da sua secretária, que quer vaga até ao fim das negociações.

— Estes senhores são a Comissão de greve.

— Conheço-os muito bem.

— Entre eles e nós há pelo menos um interesse comum: que tudo se resolva o mais depressa possível.

— Mas não de qualquer maneira — reponta a Ernestina, é sempre a Ernestina, até dá raiva.

— Claro que não. Vamos falar.

Que é que o Pereira sente perante ela. Aversão? Não será exagero dizer que sim. Mas algo mais também. Chamar-lhe-á ternura? Tem a vivacidade e o tom de pele da filha, mais ou menos a idade do António, a rebeldia do João Miguel. Gostaria de dar-lhe bofetadas e de afagá-la depois. Como à Eulália. Quando é que ele deu bofetadas à Eulália? E que vem a Eulália aqui fazer?

— Ó Chico, a gente falou, não falou? Falei com vocês todos, não falei? Excepto aqui com a Ernestina.

— Ainda não era da Comissão.

O Joaquim faz questão de precisar este ponto para que se veja bem que, desde a última conversa, o movimento cresceu. A Ernestina pertence ao pessoal do armazém, que aderiu entretanto ao das oficinas e que ela está aqui representando.

— A gente falou e eu prometi reunir a Administração, ver o que se podia fazer. Assim fiz. Dei-lhes a minha palavra. Por que é que não acreditaram nela?

— Porque o senhor faltou ao prometido.

A Ernestina de novo, oh raio de rapariga. Mas o Daniel também, o Leonardo.

O Chico, até aqui, nem pio. Falar por falar não é com ele. Discordara do que tinham feito ao trinca-espinhas do Santos. Que bem o merecia, isso é outra conversa. Mas não convém ferver em pouca água, dar trunfos ao inimigo. O que se fez, porém, está feito. Ponha-se pedra no assunto e para a frente. Tem os cotovelos nos joelhos, as mãos estendidas e abertas, mãos quadradas, voltadas para cima.

— O senhor Pereira disse há pouco e, com sua licença, muito bem que há entre a gente um interesse comum: resolver isto depressa.

Voz grave, quase arrastada, é o mais velho dos presentes.

— Que é que estamos para aqui a caturrar? Eu francamente não percebo. A vida sobe todos os dias e a gente mal ganha para comer. Está lá tudo no caderno reivindicativo. É de mais o que se pede? A gente não tem razão? Então discuta-se.

Mas é precisamente o que o Pereira tem de evitar a todo o custo, discutir. Não dispõe de poderes para tanto. É como se o encostassem à parede com uma arma contra o peito.

— Pois é, Chico, pois é.

Até talvez concorde. — Isto está mau para todos.

A Ernestina num espanto:

— Para todos!

E o Chico, pegando-lhe na palavra:

— Deixa falar quem fala, rapariga. O senhor Pereira sabe muito bem que não é para todos. Ou da mesma maneira, se gosta mais assim. Temos números, senhor Pereira. Sabemos o que isto dá, quanto recebe cada sócio e quanto a gente recebe.

Fala olhando para as mãos. Para as mãos pesadas e vazias. Nelas está a verdade. Enquanto o Pereira se pergunta quem será a boa prenda do escritório que fornece os tais números. Como os conseguirá.

— Sabemos como vive e onde vive cada um dos senhores e os senhores sabem como nós vivemos. Novidades não há. Aqui a Ernestina, por exemplo, tem filhos miúdos, sabe? Como as outras. E onde é que ela e as outras deixam os filhos quando vêm para o trabalho? Em casa das vizinhas. Até terem cinco palmos. Que, depois, é na rua. O Cardoso não as deixa trazê-los para a empresa. Que empatam o trabalho. Que não foi ele que lhos fez.

— Ele diz isso?

— E se fosse só isso... Mas ninguém diz que não, empatam mesmo. Ora, numa empresa como esta, custaria muito haver um infantiário?

Diz e sonda a expressão do Pereira demoradamente. Que para o Santos nem olha.

— As operárias não são mulheres como as outras? Há quem ache que não, já cá se sabe. Mas sempre me quis parecer que o senhor não será desses. E os nossos filhos? São diferentes dos outros?

E, então, numa corrida cega, ou diz isto ou rebenta, ou diz isto agora, aqui, assim, ou nunca mais o dirá:

— São diferentes, por exemplo, dos seus filhos?

Toma que é para saberes — pensa o Santos, feliz, sabendo perfeitamente que o Pereira não esperava uma estocada assim, sobretudo do Chico. Toma, que já almoçaste. E ouve-o dizer, mas desolado, ainda mais desolado que ofendido:

— Nunca pensei tal coisa.

Está a ver o primeiro andar da sua casa, com tudo ainda fechado, porventura, a esta hora, as criadas, em baixo, trabalhando com cuidado para não acordarem a senhora e os meninos, mais tarde estes meninos e os amigos na piscina, na relva, no terraço, a Eulália a servi-los para dentro, para fora, refrescos, cafés, o seu uísque, que alguns já vão tomando uísque, à conta alheia é sempre saboroso. Enquanto o Santos bufa, com os olhos no tecto, escandalizado com o tom cordato do parceiro, para ali a mastigar que o pior é não se ver como aceitar tantas reivindicações — justas, sim (ainda por cima diz-lhes que são justas) sem que a empresa vá abaixo. Argumentação de borra. Uma porra! Eles querem bem saber que a empresa vá abaixo.

A cabeça grisalha do Daniel faz que sim, que sim, que sim. Saboreia, sorrindo, a descoberta.

— A empresa ir-se abaixo, sim senhor, bem pensado, ó patrão. Mas que tragédias! Não ouviu aqui o Chico? Temos números.

Ele não desmente, não confirma, diz o que pode dizer:

— Uma coisa é ter números, outra muito diferente saber interpretá-los na escrita complicada duma casa como esta.

— A empresa ir-se abaixo! — mói e remói o Daniel. — Ó patrão! Julgam a gente crianças?

Depois, serenamente, mas cortante:

— A gente não pede, senhor Pereira. A gente exige.

E este murro no estômago:

— Enfim, o problema é vosso.

O Pereira esquivava-se, disfarça.

— E estamos a resolvê-lo. Havemos de resolvê-lo a contento de todos.

Um outro, o Joaquim:

— Então resolvam duma vez. Até lá, isto tudo está parado. A gente espera. Cá dentro, já se deixa ver.

Braços no ar do Pereira, que é lá isso, esperem lá, a falar é que a gente se entende.

— Vamos a coisas práticas.

Fala como se tivesse um plano e não apenas a vontade de tê-lo, a de encontrar uma ideia salvadora que desse esperança aos homens sem voltar os sócios todos contra ele. Que pelo menos adiasse, a isto está reduzido, a descobrir maneiras de adiar.

Dez olhos fixos nele, provavelmente confiados, tão sincero parece o tom, a proposta possível. E ele empurrando-se a si mesmo, olhando em guarda esses olhos, prosseguindo, experimentando.

— Vocês levantam a greve provisoriamente...

— Levantar a greve?

Um coro espontâneo. Não entendem.

— Atenção. Reparem no que eu digo: provisoriamente. Vocês levantam a greve provisoriamente, repito, provisoriamente, eu prometo reunir hoje mesmo a Administração uma vez mais e hoje mesmo terão uma resposta. Uma resposta, prometo, que há-de satisfazê-los.

Os olhos deixam de fitá-lo, é um alívio, procuram-se uns aos outros.

— Que é que diz o Chico?

— Eu não digo nada, senhor Pereira. A Comissão é que manda.

— Está certo. Eu e aqui o senhor Santos vamos até lá fora o tempo necessário para vocês estudarem melhor a situação.

— Acham que vale a pena? — pergunta o Chico aos companheiros.

E os companheiros nem respondem.

— Não vale a pena, vê? A greve continua.

Para quê prolongar então esta conversa? Ele não pode dizer senão que a empresa não é só dele, que vamos lá a ver o que se arranja, que tudo se há-de resolver. Cada vez que o repete, a sua posição enfraquece um pouco mais. Todos o sentem, ele também.

Sai primeiro a Comissão. Ele e o Santos ficam a ouvi-la andar o corredor, descer até ao pátio de entrada, onde, pouco depois, a vozearia recomeça. Queremos novos salários, queremos um infantário, unidos venceremos. Palavras de ordem que são fogo para os ouvidos do Santos, que não pode ouvir aquilo, quer chamar a Polícia, ir gritar à janela.

— Tacto, homem de Deus. Já bem basta o que basta. Vamos indo.

— Vamos indo? Por onde é que o senhor quer ir? Como é que se atravessa um mar de feras?

— Venha daí comigo.

Para si mesmo, o Pereira acrescentando: seu medricas. E quase o empurra para a porta, raio de salta-pocinhas, mais um a precisar de vigorosas bofetadas. Segurando-o por um braço, abandona o gabinete, desce, passa pela multidão, que não parece, na verdade, a mesma de antes. Punhos cerrados, gritos. Mas que é que esperavam? Aplausos? Risos? Vivas ao senhor administrador?

Já no carro, não querendo crer que está ali, ileso, e que afinal ali chegou tão facilmente, o Santos quer saber, inquieto mas manso como um anho:

— E agora?

Como se o Pereira pensasse noutra coisa desde que o Cardoso lhe foi bater à porta, perturbando o momento mais calmo do seu dia. Nenhum dos sócios aceita — e ele tão pouco, que a verdade se diga — exactamente o que os grevistas querem. Mas têm de chegar a um entendimento. Há encomendas que não entregarão no prazo se a greve continua, clientes que se perdem. Cada dia que a empresa está parada, o prejuízo cresce. E há o perigo — isso o que inquieta mais o Pereira — de certas arbitragens, nacionalizações.

— Agora...

Param, já longe da empresa, num sinal vermelho.

— Agora tem de se agir depressa, telefonar a toda a gente, reunir, tomar uma decisão com os olhos abertos. Se não fosse esta casmurrice toda, já se teria proposto qualquer coisa e evitado esta sujeira.

Por isso reuniram nessa mesma tarde. Reuniram, discutiram, discordaram — também entre eles as discrepâncias crescem, o país segue aos baldões ninguém sabe para onde —, chegaram a uma contraproposta que não agrada a ninguém. E muito menos a ele, Pereira, que é quem tem de defrontar amanhã os homens na empresa sem convicção nenhuma. Sabe perfeitamente o que irá acontecer.

Já lá vão os bons tempos. A ordem nas ruas, ainda que não nas consciências ou em todas as consciências, o que lá vai lá vai. E, quando é mais indispensável entenderem-se — querem o perigo mais à vista? —, cada um teima na sua, ameaçando o resto do que resta. Uns, como o engenheiro Jorge de Araújo, quarenta anos se tanto, que política é política, negócios são negócios, se a situação mudou, mudemos nós também, que é por aí, mudando, o caminho do regresso, com novas técnicas, prudência, preferem o xadrez às bombas e mocadas. Outros, raros, como o Eugénio Martins, a quem chamam por gracejo de mau gosto «o comunista», resta saber porquê, insistem em que mais vale um pássaro na mão do que dois a voar e que, dadas as circunstâncias, meus amigos, podem bem correr o risco de nem a voar os verem. Outros, enfim, a maioria por enquanto, que qual mudança!, com o Torres à cabeça, trabalhando na sombra, muito bem relacionado com gente grada do antigo regime, agora lá por fora, sobretudo no Brasil, e com outra, não menos grada, que se passou para o novo. Mas cuspidando — diz ele para quem o quer ouvir — na política e nos políticos, servindo-se embora dela e deles quando lhe fazem falta. Para estes, é tudo ou nada, forjando reviravoltas, com armas, pois, como havia de ser?, e, entretanto, não ceder nem um palmo.

Atravessa a cidade de modo a passar pela frente da empresa e pára aí alguns minutos, como fez esta manhã. Ninguém atrás do gradeamento. Todo o pátio deserto. Estão lá dentro. «Cá dentro, já se deixa ver», o Joaquim. Ali estarão até vencerem ou serem destruídos. Sim? A tal ponto?

Não se vêem agora as palavras pintadas na grande faixa de pano, nos cartazes. Mas sabe-as de cor. «Estão unidos, não é?», diz o Torres, com a verdade toda na algebeira. «Que unidos vencerão, não é? Patacoadas. A ver vamos.»

Arranca suavemente e conduz devagar. Está cansado de mais para ter pressa. Não tem pressa de chegar a casa. Não tem pressa de chegar a lado algum. Amanhã. Nisto pensa, isto repete, isto o obceca. Porque ele não quer a sua empresa fechada. Muito menos, perdida. O Torres está possesso.

Tentou tudo por tudo para que houvesse uma recusa total. Chegou a querer convencer os mais tímidos dos sócios de que a greve era ilegal porque — estava informado, era segura a fonte — nem pré-aviso teria sido entregue. Portanto greve selvagem, etc., etc., disparates. Não ceder nem um palmo. Para isso quisera desautorizá-lo: não tendo havido, ao que dizia, pré-aviso, que estava o Pereira a fazer? A proceder às cegas, prejudicando gravemente os interesses de todos. Os interesses. Palavra mágica, sagrada. E foi então que ele, Pereira, o provocou, varando-o com os olhos: que provasse. Num frio de gelo: que provasse o que dizia. E foi digno de ver-se. Porque o bicho não esperava.

Acelera um pouco, muito pouco. Não tem pressa. A estrada é dele. A toda a volta, escuridão.

Olha-o o bicho de longe, sem sair de onde está, evitando arremeter. E ele, Pereira, voltado para o público: que é que dizem a isto? Mas o público, nada. Não é o Pereira nenhum fala-barato, toda a gente o sabe, mas o Torres sabe muita coisa, tem meio mundo na mão. Prudenciazinha. Aguardar. O bicho sem se mexer. Está como que a pesar a coragem do homem. Nem se fia muito nele nem quer mostrar-se intimidado. Vai-se chegando. A passo. Tentando recuperar o terreno perdido, todo ele vê lá onde é que pisa.

«O que vou dizer não sai daqui. Poderei confiar?»

Não é isto investir. É ladear, ganhar tempo, refazer-se do susto. Há quem sorria, percebendo a manobra.

Mas já se saracoteia novamente, o bicho.

«Só falo quando sei.»

Olé, olé. Recobrou fôlego, continua a avançar.

«Fiquem então sabendo que tenho gente de confiança no próprio Ministério.»

E olhando de viés a praça. Apressa o passo, o Pereira que se acautele. Vais ver como se põem ao sol as tripas dum empata com uma cornada só.

«Não esperavam? Claro que não. Estou ao corrente de tudo. Tem de ser. Se não queremos ser levados.»

Já volta a atacar. Mas o Pereira, com surpresa geral, passa-lhe o capote pelas ventas, pelos costados.

«Seria bom não crer tanto nessa gente de toda a sua confiança. Ou são informadores mal informados ou lhe estão a mentir.»

«A mentirem-me? A mim?»

O touro faz por atirar o capote pelos ares, sacode as bandari-lhas, espuma.

Novo passe: «A quem havia de ser? Não é o senhor o informado?»

No meio do rondel, o Pereira olha-o de cima. Vai-lhe meter o ferro a fundo. Fá-lo-á ajoelhar.

E fez. O pré-aviso foi entregue. O próprio Santos que dissesse. Mas para quê? Houve palmas. Dez minutos depois, ninguém se lembrava disso. Contrapropor aos grevistas trinta por cento do que querem e nada de infantário é acirrá-los mais ainda. Vitória por maioria. Democráticamente conseguida — diz o Torres, gozando. Ele próprio sugerira: «Vamos, mas é votar», sabendo de antemão o resultado. Aqui tens o que a Democracia pode ser também. E vão atribuir-lhe a si a culpa. Além do Santos, quem conhece os outros sócios na empresa?

Já lhe tem acontecido, como a toda a gente, um coelho atravessar-se no caminho, escapulir-se. Ou um bêbado que aparece e desaparece. Mas o bêbado é menos ágil que um coelho. A guinada perigosa. O uivo da borracha quente ferrando-se no alic-trão. A aflição repugnante de atropelar um homem. A busca. Um saco de pano e carne atirado lá para trás, incrível como tanto lá para trás. Sangue. E a lanterna de bolso procurando, procurando, iluminando mal uns olhos a revirarem-se.

E atropelar muitos homens? Não fazer outra coisa toda a vida? É culpa que se espie? Por que é que não carregas no acelerador, fechas os olhos, tiras as mãos do volante?

Ou, então, vinga-te. Acciona o teu direito à loucura, essa outra forma de suicídio. Concorde com os homens, dá-lhes tudo o que querem, o dinheiro, o infantário. Fá-lo ostensivamente, como capeaste o Torres, perante a perplexidade e a refreada indigna-

ção do Santos. Que é um poltrão, um mijas, um reles filho da mãe. Que telefonará ao Torres, ligará para um, para outro, para todos. Mas depois. O rabinho a dar a dar. É o espião do bando, um sacana sem classe.

Destituído de Presidente do Conselho de Administração? Que dúvida, meu velho. Nem merecerias outra coisa. Excluído da própria Administração? Mais que provável. Só o dinheiro não te tiram, é sagrado. Mas será o que queres? Poderás querê-lo?

Já está saindo da estrada. Penetra no jardim, curvando lentamente. Os máximos incidem, crus, na porta da garagem. Espalmado nela, um estranho e grande insecto apanhado pela luz. Uma sombra chinesa recortada no branco luminoso. A vida.

Quer dizer que, a partir de certa hora, ela esteve atenta ao movimento da estrada. E que, mal viu o jacto de luz passar na sebe da entrada, pulou, veio a correr, ali está a empurrar a porta larga e pesadona.

— Boa noite, senhor Pereira.

— Adeus, Eulália. A senhora saiu?

— Agora mesmo, senhor Pereira.

A garagem vazia parece muito maior. Ainda mais desconfortável.

— Ninguém em casa?

— Só o menino João Miguel. O senhor Pereira já jantou?

E deixa-o passar, apaga a luz, vai tomar providências.

Tranquila a casa. Como a deixou esta manhã. Acasos.

No salão, o João Miguel, com um livro aberto nos joelhos. Estás à minha espera, bem te entendo, já sabes de qualquer coisa. Mas não me venhas hoje com o Marx e a lengalenga do costume.

— Então, pai?

— Então o quê?

— A greve.

— Como sabes tu da greve?

— Vem em todos os jornais da tarde.

Diz e senta-se do outro lado da mesa, mesmo na sua frente. Para fazer-lhe companhia? Ou para chagá-lo? «O que é que o pai há-de dizer? É um burguês, é um capitalista» e assim por aí fora? Ainda está em muito boa idade de levar dois bofetões. Os que

não pôde dar ao Torres. Nem ao Santos sequer. Se ele soubesse o que pensa dos sócios, de si próprio também!

Leva a colher à boca propositadamente devagar. A mão treme? Pois treme. Mas quase nada. Bebe um gole de vinho, afasta de si os pratos.

A Eulália está perto, imóvel, vigilante.

— O senhor Pereira não acaba a sopa? Vou buscar o peixe.

— Não quero mais nada, obrigado. Arranja-me um café. Bem quente, por favor.

E leva o copo aos lábios, volta a pousá-lo na toalha, espera.

— O senhor Pereira quer o café aqui ou no salão?

— No salão. Leva-o para o salão.

E segue-a com os olhos. O movimento discreto, elástico das ancas da rapariga. Um outro mundo.

— Pronto, Eulália. Não preciso de mais nada. Podes ir.

Deita o açúcar no café, fica a mexê-lo, a remexê-lo, na companhia do filho, que veio para o salão com ele.

— E agora, pai?

Estará o filho com dó dele? Evita os olhos do rapaz, bebe os primeiros goles do café. Os olhos do rapaz não são os mesmos. Esta é que é a verdade. Os olhos do rapaz não são os mesmos.

— E agora, pai? Que é que o pai vai fazer?

Bebe o café até ao fim.

— Não sei.

Nunca foi tão sincero em toda a sua vida.

1981